

## INDICADORES DE BURNOUT E NÍVEL DE SATISFAÇÃO NO TRABALHO EM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Suelen Moraes de Lorenzo<sup>1</sup>; Ana Paula Ribeiro Alves<sup>2</sup>; Nilson Rogério da Silva<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Grupo de pesquisa: Deficiência, Trabalho e Saúde – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília/SP - suelen.lorenzo@gmail.com; <sup>2</sup>Grupo de pesquisa: Deficiência, Trabalho e Saúde – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília/SP - dani\_anapaula@hotmail.com; <sup>3</sup>Departamento de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília/SP - nilson@marilia.unesp.br

### RESUMO

A rotina nas escolas brasileiras revela diferentes problemas. A literatura aponta, por exemplo, dificuldades de infraestrutura, formação insuficiente do corpo docente, extensas jornadas de trabalho, adversidades nas relações interpessoais e pouca autonomia nas políticas institucional e educacional. Essas condições podem contribuir para o adoecimento profissional e à respeito do burnout, as condições de trabalho e as características pessoais são fatores considerados de alta relevância. Objetivo: avaliar indicadores de burnout em professores da educação infantil e identificar o nível de satisfação no trabalho. Método: levantamento descritivo realizado junto a 13 docentes da rede pública por meio da autoaplicação de Questionário Sociodemográfico, Inventário da Síndrome de Burnout (ISB) e Questionário de Satisfação no Trabalho S20/23. Os dados obtidos foram submetidos a estatística descritiva e a classificação dos escores foi gerada automaticamente. Resultados: 46% da amostra apresentaram indicativos de burnout e também 46% dos sujeitos registraram estar indiferentes com relação à satisfação com seu ofício. Tais informações podem contribuir para mediadas de prevenção e promoção da saúde docente, bem como para a qualidade do ensino, pois o bem estar do professor impacta no serviço prestado. Conclui-se que é importante discutir o tema, pois o adoecimento dos educadores deve ser uma preocupação coletiva – do ponto de vista da saúde e do ensino – e não apenas individual.

**Palavras-chave:** Educação. Saúde. Professor. Burnout. Satisfação no trabalho.

### 1. Introdução

Diariamente os professores estão expostos a diversas circunstâncias conflituosas. Há tensão desencadeada pelas relações interpessoais, organizacionais, pela pouca participação nas políticas institucionais e também em razão das condições de trabalho ofertadas, geralmente como piso salarial baixo, extensas jornadas, salas com alto número de alunos e restrições de materiais (SILVA; ALMEIDA, 2011). Toda essa conjuntura pode contribuir para o adoecimento e esgotamento profissional.

Várias pesquisas, de âmbito teórico e de campo, realizadas de norte a sul do país, têm discutido a respeito do burnout em professores (LEVY et al., 2009; CARLOTTO, 2011; SANTOS; SOBRINHO, 2011; GONÇALVES, et al., 2012; KOGA, et al., 2015; SOUZA et al., 2016; ARAÚJO, et al., 2017). A síndrome de burnout trata-se de estresse crônico

decorrente do trabalho (REINHOLD, 2007), a qual possui três dimensões, que estão descritas a seguir.

Inicialmente, existe a Exaustão Emocional, essa fase é a precursora das demais e causa exacerbado cansaço mental e físico de modo que a pessoa fica sem disposição para desempenhar seus afazeres de trabalho. A segunda, despersonalização, gera atitudes de objetificação do outro, condutas de desvalorização e ausência de apreço pelo indivíduo que recebe seu serviço. Na última delas, denominada de diminuição da realização pessoal, o comportamento apresentado exprime baixa autoestima, percepção negativa quanto ao desempenho profissional e a sensação de não ter competência para a função (MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2001).

Atualmente, os educadores de diferentes níveis de ensino, tanto aqueles inseridos na rede pública quanto privada, têm manifestado quadro de burnout (CRUZ et al., 2010). A exigência de várias funções em uma mesma atividade eleva o número de professores com problemas psicológicos (LEVY et al., 2009). A literatura na área sinaliza que alguns aspectos pessoais e característicos do trabalho repercutem para desencadeamento ou não da síndrome (CARLOTTO, et al., 2013).

Conforme pesquisa, o gênero pode ser elemento de interferência, dado que as mulheres quando comparadas aos homens registraram maior exaustão emocional (GOMES; QUINTÃO, 2011). A idade e presença de companheiro são variáveis que foram associadas a dimensão de distanciamento, falta de motivação e insensibilidade afetiva (BATISTA et al., 2010). Semelhantemente, outro estudo verificou correlação entre a síndrome e o estado civil, pois o grupo de casados apresentou menores níveis de realização pessoal (GONÇALVES et al., 2012).

No que tange às condições laborais, a carga horária semanal apontou relação com o esgotamento profissional (FERREIRA et al., 2017). Igualmente, a quantidade de estudantes por turma se mostrou ligada ao estresse ocupacional (SANTOS; SOBRINHO, 2011). O tempo na função também afetou o bem estar (BATISTA et al., 2010). Nota-se que esses aspectos supracitados, pessoais e do trabalho, são elementos que podem contribuir para essa enfermidade profissional.

Portanto, o burnout gera prejuízos na realização do ofício (CARLOTTO, et al., 2013), ou seja, pode comprometer o processo de preparação, organização e programação das atividades em sala de aula, devido a problemas de desmotivação, falta de criatividade e desinteresse, isso por sua vez repercute no ato de ensinar e compromete a relação com os estudantes (CARLOTTO, 2011). Nesse contexto, o contentamento com o trabalho pode ser afetado.

### 1.1 Níveis de satisfação na profissão docente

O nível de satisfação ou insatisfação com o trabalho depende em parte de certos fatores subjetivos. Com base no conceito proposto por Locke, ela é reflexo do conteúdo e representatividade da atividade, percepção acerca do ambiente e relações interpessoais, das experiências positivas e por corresponder às necessidades e expectativas elaboradas (CARLOTTO; CÂMARA, 2008).

Desse modo, no Brasil, alguns aspectos podem tornar o ofício docente menos atrativo (OLIVEIRA, 2011), sendo que fatores como quantidade de trabalho, instabilidade no emprego e não reconhecimento do potencial produzem descontentamento (MARQUEZE; MORENO, 2009), insatisfação com a remuneração (OLIVEIRA, 2011; FARIAS et al., 2015;

RAMOS et al., 2016) e problemas de limitações físicas no ambiente (FERREIRA et al., 2016).

Não obstante, a literatura aponta correlação entre pessoas contentes com a profissão e maior desempenho ocupacional (MARQUEZE; MORENO, 2009). Nota-se que o contentamento do trabalhador com a atividade exercida impacta no serviço prestado e estudos têm registrado a insatisfação dos educadores quanto a certas condições laborais ofertadas (CARLOTTO; CÂMARA, 2007; FARIAS et al., 2015; RAMOS et al., 2016).

Em contrapartida, há aqueles que estão satisfeitos com o trabalho docente (MARQUEZE; MORENO, 2009; FARIAS, et al., 2015; ARAÚJO et al., 2017). O conteúdo da atividade, o relacionamento interpessoal e a motivação são aspectos que deixam os profissionais de ensino mais satisfeitos com seu ofício (MARQUEZE; MORENO, 2009), bem como a perspectiva de carreira, autonomia na atividade pedagógica e o tempo de experiência na função, devido à perspectiva de crescimento e segurança profissional (FARIAS, et al., 2015).

Portanto, a satisfação na profissão docente é elemento importante para compreender os problemas que atingem a saúde docente. Um estudo sobre o tema (FERREIRA, 2011) alerta que a saúde mental e física sofrem os efeitos do estado de contentamento ou não com atividade laboral e isso repercute no comportamento do trabalhador. Apesar de, a princípio afetar aspectos de âmbito pessoal, cabe um enfoque macro, pois as atitudes e condutas manifestadas ecoam dentro e fora da sala de aula, ou seja, no entorno e, por isso é necessário investir esforços na interface saúde e educação afim de elaborar e desenvolver ações que possam contribuir para melhorias laborais aos profissionais de ensino.

## **2. Objetivo**

Avaliar indicadores de burnout e o nível de satisfação no trabalho em professores da educação infantil.

## **3. Método**

Trata-se de um levantamento descritivo de abordagem quantitativa.

### **3.1 Local**

O estudo foi realizado em uma cidade de médio porte do interior paulista, que possui oito escolas de educação infantil pública e após a seleção da amostra por conveniência houve a participação de uma instituição de ensino. Ao todo 13 professores foram considerados elegíveis, com base no critério de incluir aqueles que lecionam há no mínimo um ano na escola, conforme pressuposto que o surgimento das possíveis doenças ocupacionais consiste em um processo gradual.

### **3.2 Participantes**

Em relação a caracterização dos sujeitos, todos são do gênero feminino e apresentaram média de 35 anos de idade, mínima de 25 e máxima de 47 anos, com desvio padrão de 7,2. A maioria é casada (84%), parte solteira (8%) e outra divorciada (8%).

Quanto as características profissionais e condições de trabalho, todas são graduadas, mas algumas (4) possuem outra formação além de pedagogia e duas (15%) são pós-graduadas em psicopedagogia. O tempo médio na função de educadoras foi de 08 anos com desvio padrão de 5,5. A jornada de trabalho sinaliza que apenas 23% possui regime contratual inferior a 40 horas semanais e também 23% delas relataram carga horária acima desse padrão.

### 3.3 Aspectos éticos

Os preceitos éticos para a realização de estudos com seres humanos foram respeitados e obteve-se aprovação sob o parecer n. 1.021.194. Cabe ressaltar que todos os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo assegurado o anonimato dos participantes e uso dos dados apenas para fins científicos.

### 3.4 Coleta de dados

Os dados foram coletados no segundo semestre de 2017. Para coleta, a princípio foi realizado contato com secretaria municipal de educação, em seguida com a direção escolar e posteriormente com os professores, os quais preencheram três instrumentos de pesquisa, dois padronizados do tipo escala Likert e um não.

### 3.5 Instrumentos de pesquisa

Para realização do estudo foi utilizado um questionário sociodemográfico para caracterização do perfil docente composto por variáveis pessoais e ocupacionais, tais como: idade, gênero, estado civil, formação, tempo no cargo e jornada de trabalho.

Para avaliar os indicadores de estresse ocupacional foi utilizado o Inventário da Síndrome de Burnout (ISB), proposto por Benevides-Pereira (2007), que possui 35 itens distribuídos em duas partes para investigar tanto as condições organizacionais quanto rastrear possíveis casos clínicos. As notas de corte foram calculadas conforme as instruções do manual, cujo critério determina indicativos da síndrome quando há nível elevado de exaustão emocional associado a desumanização ou distanciamento emocional.

Para identificar o grau de contentamento com a atividade profissional, os sujeitos responderam ao Questionário de Satisfação no Trabalho S20/23, que de acordo com a versão nacional validada (CARLOTTO; CÂMARA, 2008) é constituído de 20 itens fragmentados em três eixos denominados: Satisfação com as relações hierárquicas, Satisfação com o ambiente físico e Satisfação intrínseca no trabalho. A classificação dos escores obtidos pode oscilar entre totalmente insatisfeito (=1) a totalmente satisfeito (=5), sendo que quanto maior o nível de satisfação melhor a relação com o ofício.

### 3.6 Análise dos dados

Os dados foram analisados com base nas instruções específicas instauradas pelos instrumentos. Para tanto, as informações foram digitadas em planilha no programa Excel, em seguida procedeu-se às estatísticas descritivas (frequência, média, desvio padrão e mediana), posteriormente as pontuações foram geradas e classificadas de modo automático a partir das normas estabelecidas por cada ferramenta. Por fim, os valores obtidos foram organizados em tabelas para favorecer apresentação dos resultados.

## 4. Resultados e discussão

#### 4.1 Saúde docente: indicadores de burnout

Todo profissional pode vivenciar situações de conflito, mas há ofícios que podem gerar maior desgaste e afetar a saúde do trabalhador. O burnout é uma das doenças ocupacionais que pode atingir várias categorias, dentre elas a de professores. Desse modo, os índices sobre essa síndrome obtidos junto a amostra de educadores, da rede pública de ensino básico infantil, podem ser observados na Tabela 1.

**Tabela 1** - Indicadores de burnout na amostra de professores do ensino infantil público

<b>Inventário da Síndrome de Burnout - ISB</b>		
<b>Dimensões</b>	<b>Com problema</b>	<b>Sem problema</b>
CON	9 (69%)	4 (31%)
COP	9 (69%)	4 (31%)
EE	9 (69%)	4 (31%)
DE	5 (38%)	8 (62%)
DES	5 (38%)	8 (62%)
RP	3 (23%)	10 (77%)
<b>CRITÉRIO 1</b>	<b>6 (46%)</b>	<b>7 (54%)</b>

Fonte: Elaboração própria

Legenda: CON = Condições Organizacionais Negativas; COP = Condições Organizacionais Positivas; EE = Exaustão Emocional; DE = Distanciamento Emocional; DES = Desumanização; RP = Realização Pessoal.

Os resultados encontrados deixam claro que 69% dos docentes sinalizaram dificuldades nas condições organizacionais do trabalho e na mesma proporção, em termos positivo (COP) e negativo (CON). Em outras palavras, nota-se uma correlação entre mais insalubridade com aspectos menos benéficos ao docente. No que diz respeito às dimensões avaliadas, apenas 31% dos professores não apresentaram indícios de exaustão emocional, ao passo que 62% registraram ausência de problemas do tipo distanciamento emocional e desumanização, por fim uma minoria de 23% apontou baixa realização pessoal.

Em suma, a partir do critério estabelecido, 54% dos sujeitos foram classificados sem indicativos de burnout, porém 46% revelaram estar esgotados e tal fato já é motivo de preocupação. Ao confrontar esses achados com a literatura verificam-se pesquisas com dados semelhantes e diferentes. Há estudo (SIMÕES; MARANHÃO; SENA, 2015) que também não registrou o predomínio de casos de burnout em docentes. Por outro lado, existem aqueles (ARAÚJO et al., 2017) que identificaram prevalência da síndrome em profissionais da educação.

É importante ressaltar que certos elementos tendem a contribuir para o estresse ocupacional. Em investigação (LEVY; SOBRINHO; SOUZA, 2009) realizada com 119 professores da rede pública de ensino fundamental, a idade foi apontada como fator decisivo para o burnout. Na presente pesquisa, 38% dos educadores estão na faixa de 24 a 34 anos e 62% na categoria de 35 a 45 anos. Do total de pessoas inseridas na turma mais jovem, somente uma não teve indicativos de exaustão emocional. Outros estudos (CARLOTTO; CÂMARA, 2007; KOGA, et al., 2015) também constataram maior exaustão emocional entre os doentes com menor idade.

Uma alta jornada de trabalho contribui para o burnout (LEVY; SOBRINHO; SOUZA, 2009; CARLOTTO, 2011; FERREIRA et al., 2017) e a carga horária semanal da maioria dos respondentes dessa pesquisa, ou seja, de 54% corresponde a 40 horas. Embora isso possa ser considerado regime padrão, somente um indivíduo desse recorte não apresentou exaustão

emocional e apenas dois não manifestaram indicativos de burnout. Igualmente, em pesquisa junto a docentes da região Nordeste (BATISTA, et al., 2010) foi identificada uma associação entre jornada de 40 horas ou mais com exaustão emocional.

Portanto, a maior parte dos participantes não é considerada caso clínico, porém dentre aqueles com indicativos de burnout as variáveis idade e jornada de trabalho colaboraram para o esgotamento profissional. Nesse contexto, o contentamento com o serviço tende a ser afetado. Nesse sentido, a literatura deixa claro que há uma relação entre estresse e diminuição na satisfação com o ofício (MARQUEZE; MORENO, 2009).

#### 4.2 Profissão docente: níveis de satisfação no trabalho

Há vários fatores que permeiam a atividade profissional. Parte deles são motivos de contentamento enquanto outros podem gerar desprazer. Os aspectos avaliados em relação ao trabalho estão fragmentados em três dimensões, assim como, revela o nível geral de satisfação dos professores quanto a sua ocupação. Tais dados estão na Tabela 2 a seguir.

**Tabela 2** - Níveis de satisfação no trabalho na amostra de professores do ensino infantil público

Satisfação no trabalho (S20/23)						
Domínios	FA (n)	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo
Intrínseca no Trabalho	13	3,94	0,50	4,00	3,25	4,75
Ambiente Físico	13	4,09	0,47	4,20	3,00	4,60
Relações Hierárquicas	13	3,03	0,97	3,36	1,00	4,09
Satisfação Geral	13	3,69	0,51	3,90	2,72	4,37

Fonte: Elaboração própria

A partir desses resultados verifica-se uma satisfação geral com média de 3,69. Em disposições percentuais, significa que 54% da amostra está parcialmente contente com o trabalho e 46% registraram indiferença, ou seja, estão mais ou menos contentes. Ao considerar os domínios examinados, índices maiores foram atribuídos ao ambiente físico e menores as relações hierárquicas.

Nessa mesma direção, um estudo com educadores da área da saúde em Goiás, identificou do mesmo modo níveis de satisfação parcial e indiferente em relação ao serviço docente no ensino superior (FERREIRA, et al., 2016). Outras investigações também constataram satisfação com o ambiente por professores universitários (MARQUEZE; MORENO, 2009; FRAZÃO, 2016) e baixo contentamento com as relações hierárquicas.

A satisfação no trabalho, igualmente ao burnout, é impactada pelas características pessoais e condições laborais. Dessa maneira, estudo (FRAZÃO, 2016) com 73 professores e servidores técnicos administrativos averiguou uma menor satisfação geral entre os solteiros. Todavia, entre os participantes desta pesquisa, essa ocorrência não foi verificada, porque entre aqueles que expressaram indiferença apenas um não é casado enquanto os solteiros revelaram estar parcialmente satisfeitos.

Ademais, um maior tempo no exercício da função foi correlacionado a uma satisfação mais elevada (FARIAS, et al., 2015; ARÁUJO; MIRANDA; PEREIRA, 2017). Contudo, no atual estudo, 38% dos sujeitos estão há 10 anos ou mais no cargo de educador, porém a minoria manifestou satisfação parcial, ao passo que, a maioria indicou estar mais ou menos satisfeitos. Nesse sentido, cabe compartilhar a perspectiva de Locke, que compreende as

diferenças acerca de satisfação laboral como comuns por ser um fenômeno subjetivo (FRAZÃO, 2016).

Em linhas gerais, constatou-se uma maior quantidade de lecionadores parcialmente satisfeitos, porém na amostra investigada, as variáveis estado civil e tempo na função não evidenciaram relação sobre o grau de contentamento com trabalho.

Por fim, é essencial salientar que o indivíduo dedica boa parte de seu tempo na realização de um ofício, por isso torna-se relevante levar em consideração a relação intrínseca com trabalho, com a hierarquia e ambiente profissional, pois quando há aspectos que levam à insatisfação, aumentam significativamente as possibilidades de ocorrência do estresse (FRAZÃO, 2016).

## 5. Considerações finais

A síndrome do esgotamento profissional tende a afetar o grau de contentamento com atividade exercida e na atual pesquisa foram verificados maiores percentuais de professores sem indicação de burnout, bem como, índices mais elevados de docentes parcialmente satisfeitos no trabalho. Dessa forma é possível considerar que docentes menos estressados com o ofício se sentem mais contentes com sua ocupação.

Em relação aos educadores com problemas de burnout, esse grupo foi menor e atingiu 46% da população estudada. Dentre essas pessoas em processo de adoecimento, a exaustão emocional revelou alta incidência (69%), seguido das dimensões despersonalização e desumanização em iguais proporções (38%), por último identificou-se de modo menos expressivo (23%) a baixa realização pessoal.

Quanto à satisfação geral no trabalho, a média obtida foi de 3,69 e isso reflete em 54% de professores parcialmente satisfeitos com seu serviço. Ao avaliar as pontuações por dimensão, o maior valor foi de 4,09 para a satisfação com ambiente físico e o menor de 3,03 para as relações hierárquicas, o que alerta para necessidade de uma gestão horizontalizada e interessada em dialogar com seus colaboradores.

Por fim, é necessário salientar as limitações dessa pesquisa, a qual se restringe a uma amostra de professores de ensino infantil público do interior do estado de São Paulo e que pode não corresponder com a realidade vivenciada por educadores de outras regiões do país, níveis de ensino e rede de atuação. No entanto, fomenta o tema, alerta para a conscientização de considerar o bem estar docente como uma preocupação coletiva. Além disso, os dados encontrados podem se somar aos de outros estudos e estimular novas investigações no assunto, ampliar a produção nacional acerca da temática e, principalmente, nortear a elaboração de ações com foco na saúde do professor brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V. A.; FREIRE, J. M.; OLIVEIRA, M. V. M. **Síndrome de burnout em professores das escolas públicas do município de Buenópolis**, MG. Revista de Atenção à Saúde, São Caetano do Sul, v. 15, n. 52, p. 5-10, 2017.

ARAÚJO, T. S.; MIRANDA, G. J.; PEREIRA, J. M. **Satisfação dos professores de contabilidade no Brasil**, Revista Contabilidade e Finanças, São Paulo, v. 28, n.74, p. 264-281, 2017.

BATISTA, J. B. V. et al. **Prevalência da síndrome de burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB.** Brasileira de Epidemiologia, v. 13, n. 3, p. 502-12, 2010.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. **Análise do ISB – Inventário da Síndrome de Burnout.** (2007) Disponível em: <<http://gepeb.wordpress.com/isb/>> Acesso em: 23 set. 2017.

CARLOTTO M. S.; CÂMARA S. G. **Preditores da Síndrome de Burnout em professores.** Revista de Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 11, n. 1, p. 101-10, 2007.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. **Propriedades psicométricas do Questionário de Satisfação no Trabalho (S20/23).** Revista Psico-USF, Iataiba, v. 13, n. 2, p. 203-210, 2008.

CARLOTTO, M. S. **Fatores de risco da síndrome de burnout em técnicos de enfermagem.** Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, Rio de Janeiro, v. 14, n.2, p. 07-26, 2011.

CARLOTTO, M. S. et al. **Avaliação e interpretação do mal-estar docente:** um estudo qualitativo sobre a síndrome do Burnout. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v.12, n.1-2, p. 195-220, 2013.

CRUZ, R. M, et al. **Saúde docente, condições e carga de trabalho.** Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID), v.4, p. 147-160, 2010.

FARIAS, G. O, et al. **Satisfação no trabalho de professores de Educação Física do magistério público municipal de Porto Alegre.** Revista Brasileira Ciência e Movimento, Brasília, v. 23, n. 3, p. 5-13.

FERREIRA, A. C. M. **Satisfação no trabalho de docentes de uma instituição pública de ensino superior:** reflexos na qualidade de vida. 2011. 126f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)-Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

FERREIRA, A. C. M. et al. **Satisfação no trabalho de docentes de ensino superior na área da saúde.** Saúde & Ciência em Ação, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 01-18, 2016.

FRAZÃO, E. B. **Índice de Satisfação no Trabalho e sua relação com o Clima Organizacional entre servidores de uma Instituição Pública Federal.** 2016. 80f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Organizacional)- Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016.

GOMES, A. P. R.; QUINTÃO, S. R. **Burnout, satisfação com a vida, depressão e carga horária em professores.** Revista Análise Psicológica, Lisboa, Portugal, v.2, n 29, p. 335-344, 2011.



GONÇALVES, T. B. et al. **Prevalência de síndrome de burnout em professores médicos de uma universidade pública em Belém do Pará.** *Revista Paraense de Medicina*, v. 26, n. 4, p. 1- 6, 2012.

KOGA, G. K. C. **Fatores associados a piores níveis na escala de Burnout em professores da educação básica.** *Cadernos de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 268-275, 2015.

LEVY, G. C. T. M.; SOBRINHO, F. P. N.; SOUZA, C. A. A. **Síndrome de Burnout em professores da rede pública.** *Revista Produção*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 458-465, 2009.

MARQUEZE, E. C.; MORENO, C. R. C. **Satisfação no trabalho e capacidade para o trabalho entre docentes universitários.** *Revista Psicologia em Estudo*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 75-82, 2009.

MASLACH, C.; SCHAUFELI, W. B.; LEITER, M. P. **Job Burnout.** *Annual Review of Psychology*, v. 52, p.397-422, 2001.

OLIVEIRA, D. A. **A nova regulação de forças no interior da escola: carreira, formação e avaliação docente.** *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, Goiânia, v.27, n.1, p. 25-38, 2011.

RAMOS, M. F. H. et al. **Satisfação no trabalho docente:** Uma análise a partir do modelo social cognitivo de satisfação no trabalho e da eficácia coletiva docente. *Estudo em Psicologia*, Natal, v. 21, n. 2, p. 179-191, 2016.

REINHOLD, H. H. **O Burnout.** In: LIPP, M. E. N. *O stress do professor*. 5. ed. São Paulo: Papirus, 2007, p. 63-80.

SANTOS, A. A; SOBRINHO, C. L. **Revisão sistemática da prevalência da Síndrome de Burnout em professores do ensino fundamental e médio.** *Revista Baiana de Saúde Pública*, Bahia, v 35, n. 2, p. 299-19, 2011.

SILVA, N. R.; ALMEIDA, M. A. **As características dos alunos são determinantes para o adoecimento de professores - um estudo comparativo sobre a incidência de burnout em professores do ensino regular e especial.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v.17, n.3, p.373-394, 2011.

SOUZA, S. et al. **Síndrome de burnout e valores humanos em professores da rede pública estadual da cidade de João Pessoa:** Um estudo correlacional. *Análise Psicológica*, v. 34, n. 2, p. 119-131, 2016.

SIMÕES, J. A.; MARANHÃO, C. M. S.; SENA, R. C. **Processos de ensino-aprendizagem e a síndrome de burnout:** reflexões sobre o adoecimento do professor e suas consequências didáticas. *Revista do Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial da Universidade Estácio de Sá - ADM.MADE*, v.19, n.3, p.34-55, 2015.

## **BURNOUT INDICATORS IN TEACHERS OF CHILD EDUCATION AND LEVEL OF SATISFACTION AT WORK**

### **ABSTRACT**

There are several difficulties in the Brazilian school routine, such as infrastructure problems, equipment and resources constraints, low wage floor, interpersonal relations difficulties and little autonomy in institutional and educational policies. Those issues can contribute to occupational illness and according to literature working conditions and personal characteristics are highly related to occupational burnout. Objective: to evaluate burnout syndrome indicators and job satisfaction levels in pre-school teachers. Method: Quantitative descriptive research carried out through the self-application of Sociodemographic Questionnaire, Burnout Syndrome Inventory (ISB) and Work Satisfaction Questionnaire S20 / 23, whose data were submitted to automatic scores classification and descriptive statistics. The results indicate 46% of educator not affected by burnout syndrome and concerning job satisfaction, 46% of teachers are neutral (not satisfied nor unsatisfied). Once the teacher's well-being impacts on the service provided, the findings can contribute to prevention and promotion of teacher's health as well as the quality of teaching. It is concluded that it is important to discuss on this topic, since the sickness of educators should be a collective concern – of health and education - and not only individual.

**Keywords:** Education. Health. Teacher. Burnout syndrome. Job satisfaction.